



ESTADO DO PIAUÍ
CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTONIO DE
LISBOA
CNPJ Nº 00.827.870/0001-39
AV LINO RODRIGUES, nº 290 – Centro SANTO ANTONIO
DE LISBOA/PI CEP 64.640-000

Proulgado
nessa data 24/04/2026
Assinado por Cassio Pereira Eugênio
Presidente de Câmara

Assinado em 23 de Abril de 2026
Assinado por Cassio Pereira Eugênio
Presidente de Câmara

PROJETO DE LEI Nº 03 /2026, DE 21 DE ABRIL DE 2026.
LEI Nº 03 /2026, DE 24 DE ABRIL 2026.

BASEADO NO ARTIGO 30, ALINEA N, INCISO
XV DA LEI ORGÂNICA MUNICÍPIO, ALTERA
O NOME DA RUA MARCOS PARENTE, QUE
PASSARÁ A SE CHAMAR RUA ROSA DA
ROCHA SOUSA.

A Câmara Municipal de Santo Antônio de Lisboa, Estado do Piauí, no uso de suas atribuições legais, aprova e o Prefeito Municipal sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominado o nome da Rua Rosa da Rocha Sousa a antiga Rua Marcos Parente, onde deverá constar placas de identificação e/ou sinalização com o nome a ela atribuída.

Art. 2º Referida sinalização a que se refere o artigo 1º, desta lei, será devidamente executado pelo poder executivo municipal.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições ao contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Santo Antônio de Lisboa – PI, em
24/04/2026.

Vereador Autor: Cassio Aparecido Pereira Eugênio.

BIOGRAFIA ROSA DA ROCHA SOUSA

Rosa da Rocha Sousa, filha de Helena da Rocha Sousa e Adão João de Sousa, nascida em 12 de setembro de 1964, criada no Baixio - Santo Antônio de Lisboa -PI, onde cresceu rodeada de seus irmãos e primos com um grande laço de amor e amizade. Estudava na CENEC e em 1987, mudou-se para Valença-PI, onde estudou por um ano e retornou a sua cidade natal, continuando seus estudos na Escola Normal Oficial de Picos. Casou-se em agosto de 1990, teve dois filhos Romana Olívia e Rufino Karol. Mais tarde percorreu o caminho das letras na UESPI, em Picos, como quem busca não apenas ensinar a linguagem, mas compreender o mundo por meio dela.

Havia, em sua presença, algo que não se explicava, apenas se reconhecia: uma espécie de luz íntima, discreta e, ao mesmo tempo, irrecusável. Como certas verdades que não precisam ser ditas para serem compreendidas, ela existia em uma dimensão onde o essencial sempre vinha após breve ruído.

Trazia nas origens a simplicidade do Baixio, do interior, onde a vida se aprende cedo, não pelos livros, mas pela experiência silenciosa dos dias. Ainda menina, tomou nas mãos a linha e a agulha, e ali começou a tecer não apenas roupas, mas também sentidos, costurando com paciência aquilo que o tempo, às vezes, insiste em desfazer.

Era feita de delicadeza, embora não parecesse frágil. Sua sensibilidade não era fuga, era profundidade. Havia nela a ternura de quem cuidava de gatos com um afeto quase ritual, e a contemplação de quem se demorava diante das plantas, sobretudo das flores, como se reconhecesse nelas uma linguagem secreta. Amava a beleza que não se impõe: aquela que se revela aos poucos, como uma canção antiga. Tudo que desejava era flores em vida.

Havia também uma inteligência que não se limitava ao pensamento: era uma inteligência do olhar, do gesto, do grito e do silêncio. Tornou-se uma guardiã daquilo que é humano em sua expressão mais profunda.

E havia arte em tudo. Nas mãos que sabiam o corte exato, no desenho que nascia preciso, na métrica que respeitava o ritmo das palavras, nos números que organizava com lucidez, nos parágrafos que compunha com clareza e beleza. Sua habilidade não era apenas técnica: era uma forma de inteligência sensível, que unia rigor e delicadeza, razão e intuição, como se cada gesto carregasse uma estética autêntica.

Aprovada nos concursos da Secretaria Estadual de Educação do Piauí e do município de Santo Antônio de Lisboa, construiu um percurso sólido, mas, sobretudo, significativo. Porque mais do que ensinar conteúdos, ela ensinava presença. Assim, sua trajetória na Educação não foi apenas uma profissão, foi um compromisso existencial, onde por quase três décadas, dedicou-se a formar, orientar, acolher. Foi professora, diretora, supervisora e em cada função, manteve a mesma integridade, o mesmo cuidado, a mesma escuta atenta.

Amava com inteireza. Esposa de Geraldo, mãe de Romana Olívia e Rufino Karol, avó de Maria Helena Rosa, em todos os vínculos, havia mais do que um papel: havia abandono de si, ao tempo em que se fazia abrigo constante, presença vigilante, cuidado que não se anunciava, mas se fazia sentir. Protegia os seus com uma devoção silenciosa, como quem vela por um tesouro sagrado sem valor mensurável.

Por isso, dizer que cuidava talvez ainda seja pouco. Seu amor não era apenas presença, era entrega. Havia, em sua forma de matinar e aviar, um zelo que se antecipava às dores, uma atenção que percebia o não dito, uma ternura que não conhecia medida. Seus filhos encontravam nela não apenas orientação, mas porto seguro; sua pequena Maria, um refúgio luminoso onde o afeto se tornava memória viva manifestada em três nomes. E aqueles que a cercavam por laços de amizade sabiam: sua lealdade era inteira, sem concessões, firme como poucas. Agora, são esses mesmos amigos que choram sua partida, não apenas pela ausência, mas pela grandeza do vínculo que permanece.

Mas, acima de tudo, era a fé que a sustentava. Seu catolicismo não era apenas prática, era essência, pois havia nela uma confiança serena no divino, uma espiritualidade que se traduzia em gestos concretos de amor, em atenção aos outros, em uma coragem e esperança que não vacilava, mesmo diante das durezas inevitáveis da vida.

Sua ausência, agora, não é vazio, é uma presença: permanece nas coisas que tocou, nos afetos que cultivou, nos ensinamentos que deixou inscritos não apenas na memória, mas na forma de viver daqueles que a conheceram. Permanece como uma espécie de silêncio luminoso, que continua a orientar, mesmo sem palavras, diante do maior mistério de nossa existência.

Há pessoas que passam. Outras, permanecem como um traço invisível na alma dos que ficam. Ela é dessas. E a melhor forma de honrá-la não é apenas recordar, mas continuar, com mais ternura, mais autenticidade e mais verdade... como ela viveria. Rosa Rocha não se despede, Rosa Rocha é permanência: em tudo aquilo que floresce hoje e florescerá por longos anos, enquanto cada um de nós a cultivar no jardim íntimo da saudade.